

ARYELLA MASCARENHAS DA SILVA

REPRESENTAÇÃO DO TRIUNFO EUCARÍSTICO EM 2006:
RELEVÂNCIAS PARA A COMUNIDADE DE OURO PRETO E PARA O
TURISMO

MONOGRAFIA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*

INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Ouro Preto, 2008

ARYELLA MASCARENHAS DA SILVA

REPRESENTAÇÃO DO TRIUNFO EUCARÍSTICO EM 2006:
RELEVÂNCIAS PARA A COMUNIDADE DE OURO PRETO E PARA O
TURISMO

Monografia apresentada ao Curso de pós-graduação *lato sensu* em nível de especialização em Cultura e Arte Barroca da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Cultura e Arte Barroca.

Orientador: Prof. M. Sc. Diego Luiz Teixeira Boava

Ouro Preto
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da UFOP

2008

Ao meu pai

AGRADECIMENTOS

Várias são as pessoas às quais tenho que agradecer... Começo pelos **meus pais** por acreditarem no meu sonho. Agradeço ao meu irmão **Bruno** e à minha cunhada **Adriana**, que me acolheram e me ajudaram nesta caminhada. **Isabella**, por ler e reler os meus textos e artigos e arrumá-los com sua sabedoria ímpar, e à **Gabi**, por juntar e enviar meus livros e papéis e me ouvir com toda sua paciência. Agradeço, também, aos que me hospedaram e mostraram-se meus amigos em Ouro Preto : à **República Maracutaia**, em especial, Tcha-Tcha (Matheus), Duke (Felipe), Furnmyga (Edson) e Amanda e à eterna **República Relicário**, nas figuras de **Cristina, Andrezza e Celina**. Não poderia deixar de agradecer aos colegas da especialização, que contribuíram com comentários durante aulas, visitas técnicas e conversas nos corredores do IFAC, dando dicas de leituras e opiniões sobre este trabalho; em especial, aos colegas **Públio, Adriana, Simone, Luana e Laura**. Ao professor **Francisco**, por me ajudar através de suas críticas a amadurecer no campo da pesquisa. Agradeço ao **IFAC, professores do curso** de Cultura e Arte Barroca, **funcionários da Biblioteca IFAC**, sempre dispostos a ajudar, **Franci** pelas milhares de xérox tiradas, pacientemente; **Luciana e Antônio Margarido (Toninho)**, por toda boa vontade no atendimento. Aos meus eternos mestres e exemplos, **Romério Rômulo e Jaime Sardi**, que me aconselharam e ouviram durante esta caminhada. **Judith, Erika e Ildimar** que também deram sua contribuição neste trabalho. **Ana Paula Romão**, por conseguir as matérias do Estado de Minas. **Claudia, Mayana, Mariana, Bruno (Teco) e Fernanda**, por me ouvirem falar sobre o Barroco e entenderem ou não meu interesse pelo assunto. Ao prefeito de Ouro Preto, **Ângelo Oswaldo**, pela entrevista e também aos funcionários da Secretaria de Cultura e Turismo, **Sidnéa e Lucas**. Amigo-professor **Diego Boava** pela ajuda, atenção e boa vontade. **Fernanda Macedo**, grande exemplo de profissional e amiga. À **UFOP** e à **Ouro Preto**, lugares que sempre considerarei como minha segunda casa e, por isso, estarão sempre em meu coração.

RESUMO

O *Triunfo Eucarístico* configurou-se como importante festividade de cunho político, religioso e social na época colonial brasileira. Esta pesquisa versa sobre a representação contemporânea desta festividade em Ouro Preto, Minas Gerais, e busca compreender a relevância da remontagem de tal encenação para o turismo e para a comunidade de Ouro Preto. Para tanto, levou-se em consideração a influência da atividade turística em Ouro Preto como também o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. A partir daí, foi possível inferir sobre as contradições, tensões e questionamentos que envolvem o turismo, a rotina da população local e o processo de organização de um evento deste porte. Levando a compreender que o turismo, apesar de benéfico em vários aspectos, nem sempre contribui de forma positiva para a valorização da cultura de uma comunidade. Comunidade que, ao idealizar o aumento de suas divisas, passa, mesmo que de forma inocente ou inconsciente, a transformar manifestações autênticas em um conjunto de simulacros.

Palavras-chave: *Triunfo Eucarístico*; Ouro Preto; turismo; comunidade; espetacularização.

ABSTRACT

The “Triunfo Eucarístico” had become an important political, religious and social celebration from the Brazilian colonial period. This present research has analyzed the contemporary representation of this celebration in Ouro Preto, Minas Gerais, in 2006 and it has sought to understand the importance of this staging to the tourism and community. For this it has taken in consideration the touristic influence in Ouro Preto and also the recognition of the city as Cultural Heritage of Humanity. From then on it has been possible to conclude about the contradictions, tensions and questionings that it has involved the tourism, the local population routine and events like that. It has allowed us to understand that sometimes the tourism has not contributed in a positive form to value the culture of the community. This community has tried to get some incomes with that, even if innocent or unconsciously, it has transformed an authentic expression in mere simulacrums.

Keywords: *Triunfo Eucarístico*; Ouro Preto; Tourism; Community; spectacle.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	VILA RICA, FESTIVIDADES COLONIAIS E O TRIUNFO EUCARÍSTICO	
2.1	Vila Rica.....	14
2.2	Festividades coloniais.....	16
2.2.1	Triunfo Eucarístico.....	17
3	OURO PRETO, PATRIMÔNIO MUNDIAL E A ENCENAÇÃO DO TRIUNFO EUCARÍSTICO	
3.1	Ouro Preto, Patrimônio Mundial	23
3.2	O Triunfo Eucarístico na atualidade.....	27
3.3	A representação contemporânea do Triunfo Eucarístico para a comunidade ouropretana e para o Turismo.....	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	BIBLIOGRAFIA	37
	APÊNDICE A	41
	ANEXO A	43
	ANEXO B	50
	ANEXO C	51

1 - INTRODUÇÃO

O termo Barroco já usado para designar a produção artística e cultural europeia de fins do século XVI até o primeiro quarto do século XVIII. No Brasil, o “Barroco”, aparece para designar o momento estético que a Capitania de Minas Gerais respirou durante o século XVIII e meados do século XIX.

Para Ávila (1975, p. 9) “*o barroco não ficou limitado, [...], às formas exteriores de um estilo arquitetônico ou do revestimento ornamental do rito católico. Ele sintetizava, [...], as forças de interioridade bastante características do homem do período*”.

Atualmente, o termo foge à simples definição de um estilo artístico, abrangendo, na verdade, “*uma definição mais ampla da realidade*” (CAMPOS, 2006). O Barroco, em uma definição mais articulada e complexa, passa a ser identificado também na música, literatura, teatro e na vida social - passando a ter um valor de “*categoria de pensamento*” (ÁVILA, 1975).

No entanto, o avanço das pesquisas, tanto no exterior quanto no Brasil, principalmente depois da redescoberta da arte mineira pelos modernistas, levou a uma caracterização cada vez mais precisa das diferenças observadas na arte produzida naquela época. Como consequência desses estudos, em um processo que ainda não se esgotou, torna-se mais justo se falar de arte colonial, ao invés de arte barroca, ao caracterizar os diferentes tipos de manifestações artísticas ocorridas no Brasil durante os anos de colonização portuguesa.

Hansen alerta sobre o perigo de se colocar todo um período sob a denominação da etiqueta barroca, que:

“É dispensável, quando se trabalha com os resíduos do XVII e ainda do XVIII - porque, ela mesma, enquanto etiqueta, generaliza critérios românticos,

expressivos e psicológicos, dando-os como universais também para as práticas de representação do XVII e do XVIII (HANSEN, 1997, p. 19).”

Além disso, Hansen critica as interpretações históricas dos estilos artísticos que os colocam em uma seqüência lógica e direta, onde o nascimento de novos valores artísticos se faz em oposição ou negação a toda a realização precedente.

Porém, podem-se associar ao período colonial; acontecimentos históricos, religiosos, sociais, filosóficos e ideológicos; que acabam se configurando como um estilo de vida. Exemplo disso é a importância na mentalidade da época da maneira como se travestia de religiosidade a vida em seus aspectos mais cotidianos.

A religiosidade se mostrava presente não só em rituais solenes como a *Quaresma*, a *Semana Santa* e o *Corpus Christi*, mas também nos “*festejos relativos aos nascimentos, casamentos e exéquias dos reis e de membros da família real que se desdobravam pelo tempo, conforme a relevância do homenageado*” (CAMPOS, 2006, p.12).

As festividades do calendário litúrgico da Igreja eram marcadas por grande esplendor e suntuosidade, características acentuadas em comemorações marcadas pelo caráter extraordinário, como é o caso do *Triunfo Eucarístico*, realizada no ano de 1733. Ávila afirma que:

“A solenidade, preparada com cuidada antecedência e tendo como ponto principal a transladação do Santíssimo da Igreja do Rosário para a que então se inaugurava, constituiu sem dúvida a maior promoção da espécie levada a efeito no período colonial (ÁVILA, 1977, p.55).”

Em uma visão menos mistificada, Hansen (2001) defende a idéia de que este festejo foi um macrossigno complexo, composto por dispositivos retóricos e teológico-político, que representa, ordena e distribui hierarquicamente os grupos sociais no seu interior, de forma

teatralizada. Sendo, então, uma representação da mesma sociedade que organiza e também participa de tal festa.

É importante, então, entender “festa” como um fator constitutivo de relações e modos de ação e comportamento, onde são traduzidas experiências, expectativas de futuro e imagens sociais. Local capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social dos grupos que a realizam (AMARAL, 1998).

Além disso, é necessário perceber que o termo “representação” aplicado ao *Triunfo Eucarístico* significa um processo de produção simbólica, marcado pelo uso de alegorias e fusão da teologia com a política (HANSEN, 2001).

A procissão do *Triunfo Eucarístico*, que se configurou como grande espetáculo colonial e serviu como marco do apogeu do ouro nas Minas, foi representada no dia 27 de maio de 2006 na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais.

Da sua remontagem, no ano de 2006, uma equipe de artistas e outros profissionais trabalharam em parceria com a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo para garantir que o evento ocorresse com êxito e de acordo com a narrativa de Simão Ferreira Machado. Narrativa esta apresentada em o “**Triunfo Eucharístico: exemplar da Chistande lusitana**” que foi reproduzido integralmente por Affonso Ávila (1967) no primeiro volume de “Resíduos Seiscentistas em Minas: Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco”.

Ao analisar esta situação, surgiram questionamentos, tais como: qual a importância dessa remontagem para a atual comunidade de Ouro Preto? Quais motivos incentivaram a Prefeitura para a realização desse evento? Qual a importância do evento para a atividade turística?

Tendo como objeto de estudo “*A reencenação do Triunfo Eucarístico ocorrida em 2006 na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais*”, busca-se responder as questões acima colocadas.

Para tanto, buscou-se descrever de maneira sucinta o local e o momento em que a festividade Triunfo Eucarístico ocorreu, para que se compreenda o sentido *original* de tal comemoração.

A partir daí, fica mais coerente avaliar se justifica-se ou não fazer uma reencenação deste evento nos dias atuais, e, entender se esta festividade perde ou não seu valor de representação da sociedade, tornando-se, simplesmente, mais um espetáculo próprio ao turismo.

A sua maneira, a festa pode adquirir uma dupla importância: a primeira por sua dimensão cultural, no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e devoção de um grupo comunitário e a segunda como espetáculo, produto turístico capaz de trazer mudança econômica para à cidade.

Sendo o turismo uma atividade que movimenta a economia e que têm as festas como um forte apelo turístico, não se pode desconsiderar a possibilidade de recriar qualquer espetáculo, mesmo que somente para turistas.

Dessa forma, esta pesquisa foi dividida em dois capítulos.

Capítulo 1 – Vila Rica, festividades coloniais e o *Triunfo Eucarístico*: neste capítulo são descritas a cidade de Vila Rica e sua configuração social e cultural, tal como as festividades coloniais, tendo especial destaque a festividade do *Triunfo Eucarístico*, por ser este o objeto principal do estudo.

Capítulo 2 – Ouro Preto, Patrimônio Mundial e a reencenação do *Triunfo Eucarístico* em 2006: neste capítulo há uma contextualização da cidade de Ouro Preto, levando em

consideração seus títulos e valores simbólicos. Além disso, há também uma pequena descrição da representação do Triunfo Eucarístico ocorrida em 2006.

Para finalizar foram feitas algumas considerações em relação ao sentido de tal representação para a comunidade ouropretana (que participou desta teatralização) e também para a atividade turística na cidade de Ouro Preto.

Este trabalho consiste, então, na apresentação de um novo tipo de discussão sobre o *Triunfo Eucarístico*, visto que seu objeto de estudo é a reencenação desta festa do século XVIII nos dias atuais, em uma outra situação política e sociocultural. A pesquisa, a partir dos referenciais expostos, caracterizou-se por uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, tendo como objetivo conhecer os significados e a relevância da reencenação do *Triunfo Eucarístico*, ocorrida em 2006, para a população de Ouro Preto e também para o turismo na cidade.

A importância desta pesquisa reside na reunião, sistematização e análise de dados para o conhecimento dos significados desta reencenação para a população de Ouro Preto e também para que se possam realizar eventos, onde não ocorra o esvaziamento de sentido e carnavalização de festividades e cortejos, que foram importantes no seu tempo.

2 - VILA RICA, FESTIVIDADES COLONIAIS E O *TRIUNFO EUCARÍSTICO*

2.1 - VILA RICA

A conformação estrutural da sociedade mineira teve características singulares, conseqüência das motivações que determinaram o encontro das novas terras e o estabelecimento dos grupos.

Dentre estas motivações merece destaque as da Coroa Portuguesa que, ao final do século XVII e início do século XVIII estimulou a descoberta das minas, vendo nelas o meio de recuperar a prosperidade que o açúcar não mais lhes proporcionava.

Com isso, a sociedade mineira ligava-se, pelo ouro, à idéia de riqueza. Quando, na realidade, esta não acontecia para todos. Já que a busca de metais preciosos, sem o suporte de outras atividades, gerou falta de alimentos e uma inflação que atingiu toda Colônia.

Como conseqüência disto intensificaram-se o cultivo de roças e a diversificação das atividades econômicas que mudaram esse quadro de privações. Caracterizando a estrutura econômica colonial como “*simultaneamente escravista e mercantil*” (VERGUEIRO, 1983, p.44).

A sociedade mineradora dividia-se em quatro camadas sociais: uma pequena camada de homens ricos e poderosos, uma camada média de artistas, artesãos, pequenos comerciantes e pequenos mineradores, uma outra de homens livres pobres e a maior de todas as camadas, a de escravos (VERGUEIRO, 1983, p 73-74).

Mesmo sendo basicamente escravista, a sociedade mineradora diferenciava-se da açucareira pelo seu comportamento urbano, talvez menos aristocrático e com um grupo de letrados notáveis no século XVIII.

Desde meados do séc. XVIII, as povoações estabilizaram-se, e a vida urbana não foi concentrada somente em Vila Rica, mas também em outros núcleos, e organizaram-se sob a supremacia da igreja católica, com a proliferação e ascendência das irmandades.¹

¹ “Associações de expressão orgânica e local, elas representavam canal privilegiado de manifestação numa sociedade onde a livre formação de entidades políticas era proibida como condição básica para a própria

Segundo Ávila:

“O surgimento de maior número de aglomerados urbanos, decorrente da exploração de novas riquezas e do conseqüente crescimento demográfico, tornou o Setecentos colonial um período de grande movimentação da vida colonial, não só em seus aspectos de infra-estrutura econômica, mas igualmente na afirmação de valores fundamentais no quadro de aportações culturais trazidas pelo colonizador (ÁVILA, 1994, p.148).”

Eram nestes núcleos urbanos coloniais que se concentravam as residências, os negócios e as festas comemorativas. Além disso, foi também nestes espaços que ocorreram manifestações culturais notáveis no campo das artes, das letras e da música.

As características culturais e urbanas da colônia, organizada em vilas e marcada pelo poder da Igreja, aliada à magnificência da metrópole, contribui de forma decisiva para uma forma de expressão artístico-cultural e artesanal, mesclada pelo gosto artístico, como também pelo o estilo de vida diferenciado da população (BOSCHI,1988).

A preocupação de estabelecimento e manutenção de ambos os poderes nestas vilas traduziu-se, principalmente, pelo aparato de suas festas, nas quais a religião, intimamente ligada ao poder temporal, era vivenciada como *espetáculo* e buscava o despertar para a fé através da sensibilização dos sentidos (BRAGA, 2004).

Em Vila Rica, as diversas manifestações artísticas estiveram em grande parte ligadas a artistas mulatos, demonstrando assim, relativa autonomia em relação aos modelos europeus. Possibilitando que sua arte fosse baseada na suas próprias idéias e padrões (FONSECA, 2007).

2.2 - FESTIVIDADES COLONIAIS

O caráter teatral da vivência religiosa nas festividades coloniais do século XVIII apresentava-se como a fusão, em um mesmo espaço, da força do Estado e Igreja. Neste cenário, as festas religiosas ocuparam um lugar de destaque, quando as ruas cediam espaço para o colorido dos enfeites, a alegria das músicas, a “coreografia” das danças, o séquito de religiosos que seguiam os ícones devocionais sustentados por inúmeros andores.

As festas se configuravam como um dos momentos mais marcantes para a população naqueles tempos, onde uma parte da consciência oscilava entre a dramaticidade da vida cotidiana e o deleite da teatralidade religiosa. Para Hansen (2001, p.737) “[...] a festa colonial não é só um conjunto ordenado de imagens, mas uma relação social entre participantes mediada por imagens”.

As festas, com seu exagero e pompa, eram acontecimentos únicos que serviam como válvulas de escape das tensões sociais geradas pela desigualdade entre as classes e grupos. Em vários aspectos, constituíam manifestações inversas do quadro social onde estavam inseridas, já que a riqueza, ostentada pelo ouro, não acontecia à todos. Já que maioria da população era composta por escravos e mestiços, formando, na verdade, uma sociedade hierarquicamente dividida e violenta.

Além disso, estas festas tinham a função pedagógica de introduzir valores, construir e reforçar relações cotidianas de maneira a valoriza-las e rememora-las frequentemente.

As festas do calendário litúrgico tais como a *Semana Santa*, o *Corpus Christi* e dias consagrados aos padroeiros de cidades e vilas eram sempre marcadas por grande brilhantismo. Que se tornou mais aparente e pomposo em festas realizadas uma única vez e incluídas como alguns dos maiores acontecimentos da vida colonial brasileira. São elas: o *Triunfo Eucarístico* (Vila Rica: 1733) e o *Áureo Trono Episcopal* (Mariana: 1748).

No entanto, ainda merecem destaque as comemorações feitas para as realezas como as exéquias de D.João V (São João del-Rei :1750-1751), as exéquias de D.João V (Vila Rica: 1751) e as exéquias da infanta Dona Maria Francisca Dorotéia (Paracatu:1771).

O que se percebe é que as festividades deste período *eram uma “associação dos interesses real e religioso [...] uma encenação espetacular do poder”* (TINHORÃO, 2000, p. 105). O que demonstra que essas comemorações do século XVIII, em Minas, eram, de maneira geral, elementos constitutivos dos processos de hierarquia social e de dominação política.

2.2.1 - Triunfo Eucarístico

As festividades que marcaram a inauguração da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em 1733, tiveram como ponto principal a procissão de transladação do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário para a nova Matriz do Pilar. Estas festividades não se reduziram ao desfile do dia 24 de maio, e sim com uma série de eventos anunciados por ruidosas convocações dos moradores da localidade para participarem da festa iniciadas um mês antes. A expectativa popular gerada por tais preparativos crescia a cada promoção do evento.²

Pode-se imaginar, portanto, a decepção da população com a chuva que caiu no dia 23 de maio em Vila Rica, data em que deveria sair a procissão de transladação do Santíssimo Sacramento, frustrando *“neste dia o disvello de muitos; dando nova causa a dispêndios, e trabalho em toda a prevenção da solenidade que ficou deferida para o seguinte dia de manhã”* (MACHADO, 1734, p.42) .

Afinal, a procissão era o episódio principal desta comemoração e, além disso:

² A Igreja substituiu a antiga capela, datada de 1709, na qual, de 1731 a 1733, ficou guardado o Santíssimo Sacramento da Paróquia, enquanto era construída a Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

“Era o único acontecimento totalmente aberto à população e, acima de tudo, era um ritual público, ou seja, para ser visto e assim desempenhava uma série de funções, publicizando muitos aspectos que eram essencialmente privados (FURTADO, 2006, p.12).”

Tal acontecimento foi narrado por Simão Ferreira Machado em: *Triunfo Eucarístico*, livro publicado em 1734, em Lisboa. No entanto, pouco se sabe sobre o autor, sendo a única informação a seu respeito encontrada na *“página de rosto do opúsculo, isto é, que ele era ‘natural de Lisboa, e morador nas Minas’ (ÁVILA, 1967, p.295)”*.

Porém, sabe-se que Simão Ferreira Machado *“conhecia certamente a melhor literatura dos cronistas lusos e de modo especial, a crônica religiosa portuguesa de sua época” (ÁVILA, 1967, p.296)*. Já que seu livro:

“Causou sensação em Portugal e talvez [em] outro países pela revelação que fazia de um novo mundo de opulência material e grandiosidade religiosa, não deixou de sugerir no Brasil a realização de festas do mesmo teor e crônicas alusivas escritas dentro de igual estilo (ÁVILA. 1967, p.297)”

Neste volume encontram-se, ainda, as licenças de autoridades religiosas e laicas que permitiram e defenderam sua publicação, escritas pelo Frei Fernando de Santo Antônio, que diz:

“Que se perpetue na lembrança este circunspeto exemplar daqueles católicos moradores, e que [...] se estampe este Triunfo, e este resplendor lusitano, para que sua exaltada memória sirva de gosto, e alegria a toda a Igreja, e a todos os portugueses; de pasmo, e assombro a todos os infiéis; de admiração a todas as gentes; e de glória àquele Provedor, e mais oficiais, e a todos os moradores paroquianos de Vila Rica (ÁVILA, 1967, p.151).”³

³ Licenças das autoridades laicas. MACHADO, Simão Ferreira. *Triunfo Eucarístico*. Lisboa: Oficina da Música, 1734. In: ÁVILA, Affonso. *Resíduos seiscentistas em Minas*. Belo Horizonte: CEM, 1967.

Logo após as licenças religiosas, encontra-se a Prévia Alocutória – onde estão expostas a situação particular das Gerais, o ideal da colonização e sua justificativa, que dizia que as novas partes deveriam se tornar tementes a Deus:

“É também notório, que ao mesmo Rei, e seus descendentes, e geralmente a toda nação, foi imposta a incumbência de dilatarem a Fé entre as gentes bárbaras e remotas de todo o mundo: incumbência do devido agradecimento da primeira glória, e segunda, que é a perpétua lembrança da primeira; ambas grandes, só singulares da nação Portuguesa, só a ela em vínculo concedido; porque da boca de Cristo só ele recebeu a instituição do Reino unida ao Apostólico encargo da propagação da fé (ÁVILA, 1967, p.159).”⁴

O texto segue dotado de uma extrema sensibilidade plástica onde são descritos com detalhes minuciosos trajes, alegorias, os ricos adornos – em ouro, prata, diamantes, pedrarias, sedas e plumas – das indumentárias e montarias, coreografias e cenários festivos. Há também o relato da pompa litúrgica, da riqueza da nova Matriz e a preciosidade de seus retábulos, das exhibições de música, teatro, poesia, cavalladas, touradas e jogos públicos.

A narrativa mostra ainda os acontecimentos antes do cortejo:

“Antes de sair a procissão, esteve o Divino Sacramento colocado em um braço da Senhora, em lugar do menino; celebrou-se uma missa oficiada a dois coros de música, [...]; no púlpito o Reverendo Doutor José de Andrade e Moraes, com um doutíssimo Sermão fez o último ato a esta solenidade na Igreja do Rosário; saiu logo a procissão manifesta aos desejos da publicidade [...] (MACHADO, 1734, p. 46-47).”

E descreve também toda a ordem da procissão:

“Precedia uma dança dos Turcos e Cristãos [...] seguiam-se outras danças de Romeiros ricamente vestidos [...] depois desta se dilatava outra vistosa dança, composta de músicos [...] Seguiam-se logo quatro figuras a cavalo, representando

⁴ Prévia Alocutória. MACHADO, Simão Ferreira. Triunfo Eucarístico. Lisboa: Oficina da Música, 1734. In: ÁVILA, Affonso. *Resíduos seiscentistas em Minas*. Belo Horizonte: CEM, 1967.

quatro ventos, Norte, Sul, Leste e Oeste, vestido á trágica [...] (MACHADO, 1734, p. 47-49)."

Na seqüência, desfilaram as figuras da *fama* e de Mercúrio; outro personagem representado foi a figura de Ouro Preto, bairro onde se situava a Matriz e o novo Templo. Posteriormente, os planetas, o sol e a lua, a Igreja Matriz. Logo após:

"Seguiam-se, [...] várias irmandades guiadas de suas cruces de prata com mangas de custosas sedas de ouro e prata, cobertas dos seus juizes com varas de prata, as quais em andores de precioso ornato conduziam os santos seus padroeiros, em tudo se via nelas uma ordem e asseio competente à gravidade de tão solene ato (MACHADO, 1734: 94-95)."

Mas Ávila afirma que:

"O caráter documental do Triunfo Eucarístico transcende o conteúdo descritivo dos festejos ensejados pela inauguração do templo, para traduzir também, e simultaneamente, uma idéia do contexto histórico-filosófico em que ocorreu o evento e das peculiaridades de estilo que subordinam a crônica aos aspectos formais da prosa barroca (ÁVILA, 1994, p.156)."

Sendo assim, o que se vê no *Triunfo Eucarístico* é mais uma demonstração do *"estado de euforia da sociedade mineradora, que se faz expandir através de uma festa mais de regozijo dos sentidos, que propriamente de comprazimento espiritual"* (ÁVILA, 1967, p.14).

Furtado (2006, p.16) ressalta que:

"No Triunfo Eucarístico, a plebe apareceu numa dança de turcos e cristãos e numa outra de romeiros. Seu papel, também inferior, a simbolizar os vencidos, era de abrir a procissão, seguido de um grupo de músicos, anunciando as figuras principais que viriam depois. Para estes, havia ainda a possibilidade de acompanhar a procissão depois que ela já tivesse passado, ou a ocorrência de alguns divertimentos paralelos, como danças ou cavalhadas reservadas para o seu divertimento. Na mesma festa, seguiram-se dias de cavalhadas, touros e comédias, assistidas pela "multidão" com "disposição e ordem em tudo", isto é cada um ocupando o seu devido lugar hierarquicamente reservado."

Desta maneira, o festival do *Triunfo Eucarístico* que se realizou durante vários dias e sobre várias formas de conagraçamento foi muito mais do que uma comemoração de inauguração da nova Matriz e de interiorização psicológica. Foi, na verdade, uma tradução do entusiasmo de uma sociedade opulenta e desigual, marcada pelo poder da Igreja Católica e da Coroa Portuguesa.

**3 - OURO PRETO, PATRIMÔNIO MUNDIAL E A ENCENAÇÃO DO *TRIUNFO*
EUCARÍSTICO.**

3.1 - OURO PRETO: PATRIMÔNIO MUNDIAL

Minas crescia e, em 1720, tornou-se uma capitania autônoma, com a capital transferida para Vila Rica. Em 1823, esta tornou-se Imperial Cidade de Ouro Preto. Em 1897, deixou de ser capital, sendo então sucedida por Belo Horizonte, cidade criada e planejada para ser a nova capital do Estado.

Tendo sua importância drasticamente reduzida, Ouro Preto mostrava o abandono de suas velhas relíquias configurando-se como uma cidade com suas edificações coloniais ou de partido colonial e equipamentos relegados ao abandono ou à destruição. No entanto, havia uma consciência de que algo deveria ser feito para impedir que a velha Vila Rica desaparecesse.

Com isso, a partir da década de 30, iniciou-se uma valorização de Ouro Preto, e das chamadas cidades históricas de Minas, tal como da arte e arquitetura religiosas do século XVIII consideradas barrocas. Ouro Preto, então, passou a ser valorizada por causa do seu patrimônio arquitetônico no contexto do movimento modernista, marcado pelo sentimento nacionalista, centrado na questão da identidade nacional (FONSECA, 2003).

Em 12 de julho de 1933, em forma de Decreto, por reconhecimento do patrimônio cultural e pela necessidade de conservação, o município foi considerado Monumento Nacional.

Segundo Camargo (2002, p.84):

“O caráter simbólico do patrimônio se evidencia aqui com absoluta clareza. A cidade e todos os seus bens já existiam, mas por meio de um ato jurídico se reconhece um significado que transcende ou ultrapassa as suas características funcionais. O Decreto nº 22.928 é a institucionalização de uma aspiração social que se procurou resgatar por meio de processo histórico.”

Este Decreto acabou por consagrar Ouro Preto como cidade altar da formação da identidade nacional, justamente por ser um lugar onde se realizaram grandes feitos históricos

e que teve, na figura de Tiradentes, um símbolo heróico para o sentimento de nacionalidade, de nação brasileira (CAMARGO, 2002, p.84).

Com a presença destes elementos, Ouro Preto constituiu-se uma representação perfeita para os propósitos do Estado após a revolução de 30, particularmente à ditadura imposta pelo Estado Novo de Vargas. Camargo (2002, p.84) coloca “*os apelos freqüentes à tradição, à ordem, aos sentimentos religiosos, ao conservadorismo, são elementos manipulados politicamente*”.

Com isso, em 1938, a cidade foi tombada pelo IPHAN, como uma das medidas da política implantada pelo Governo Vargas para transformar o patrimônio histórico em atrativo turístico, propiciando à Ouro Preto um meio de crescimento econômico, não sendo este, porém, o único motivo para tal tombamento, como apontado por Camargo (2002).

A própria atuação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), criado em 1937 e dirigido por Rodrigo Mello Franco de Andrade até a década de 60, contribuiu intensamente para a consolidação dessa valorização de Ouro Preto no imaginário coletivo brasileiro, como um poderoso símbolo da identidade nacional (GONÇALVES, 1988).

Deve-se lembrar que, apesar dos trabalhadores brasileiros já terem descanso semanal remunerado e férias, a distância e a pouca opção de transporte não facilitava o turismo. Com isso, o patrimônio cultural, eleito e construído pela elite política e intelectual da época, continuou sendo um atrativo turístico para o próprio grupo dominante e defensor daquela nacionalidade.

Para a maioria dos brasileiros, a cidade continuou sendo apenas um instrumento de pregação cívica nas escolas, um eco dos grandes feitos históricos, da ordem, do sentimento religioso, entre outros.

Em 1980, foi classificada como Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e passou a fazer parte de um “pretenso” acervo comum dos povos. Sobre ela foram atribuídos vários discursos que procuravam e pretendiam caracterizar e classificar o chamado acervo nacional.

A cidade, como patrimônio da humanidade, foi naturalizada, em vez de ser concebida como resultante de um processo social e histórico. Com isso, os seus moradores vêem os seus bens como algo voltado para os turistas ou para um passado idealizado, sentindo-se excluídos, ao mesmo tempo em que são anfitriões de quem vem visitar e conhecer a sua cidade natal. (LÓPES, 2001).

Fonseca (2003) defende que Ouro Preto representa um palco de opressão, poder, luxúria e manifestações/expressões artísticas, políticas e religiosas do século XVIII, por isso fazer referência à identidade é poder considerar elementos culturais modificados, transformados e:

“Nesse sentido, a população ouropretana não foi capaz de transcender a história da cidade e, de certa forma, permanece amarrada a um século (XVIII) para ela praticamente ilegível (intelectualmente) e simbolicamente obscuro, exatamente por não ter tido ainda uma oportunidade real para sua interpretação, compreensão e conexão com o presente (Fonseca, 2003, p. 170)”

No entanto, há de se considerar que a população ouropretana apresentava várias faces e tentar classificá-la como representação de luxúria e riqueza é não considerar a verdadeira realidade econômica e social da época.

Como aponta Mello e Souza (1986, p.42) *“a riqueza era enganadora – apanágio de poucos, consagrada pela ritualização barroca da opulência, filha da fome de muitos e escamoteada, através dos tempos, pelo tema da decadência”*.

Desta maneira, o que se vê nos dias de hoje, é que a maioria dos moradores continua não entendendo claramente a idéia de patrimônio, com exceção de sua utilidade turística e decorativa.

Ouro Preto, com isso, acaba oferecendo uma série de atrativos ao turista de forma desodernada por apresentar valores e sentidos diferentes para a comunidade local que diferem das expectativas dos turistas. Com isso, Ouro Preto e seus atrativos, como povoados históricos, artesanato, gastronomia, natureza, religiosidade, arquitetura, paisagens e hospitalidade tem sentidos diferentes para os moradores e turistas.

O que se percebe em Ouro Preto, a partir de 2002, é um turismo cultural que se mistura ao turismo de eventos, como consequência da construção de um moderno *Centro de Convenções*, inserindo a cidade no cenário nacional, como um importante destino de eventos técnico-científicos, congressos, feiras, eventos sociais e culturais.

Em relação aos eventos culturais, destacam-se o *Festival de Inverno* com oficinas e shows nas áreas de artes plásticas, artes cênicas, música e patrimônio; o *Festival Internacional Tudo é Jazz*; o *Fórum das Letras* e o *Festival de Cinema*.

Além dos festivais, ainda constam no calendário anual de eventos da cidade o *Carnaval*, a *Semana Santa* e *Corpus Christi*. No entanto, existem eventos que acontecem esporadicamente e, portanto, não fazem parte deste calendário, como é o caso do *Triunfo Eucarístico*, que se configura como uma ação da gestão pública municipal atual.

3.2 O TRIUNFO EUCARÍSTICO NA ATUALIDADE

Como já foi dito, o *Triunfo Eucarístico* foi marcado por um intenso colorido rítmico e visual realizado no século XVIII, sendo considerado uma das principais festividades dos tempos coloniais no Brasil.

A reencenação deste festival foi feita em maio de 1993, durante o primeiro mandato do prefeito Ângelo Oswaldo de Araújo, para comemorar os 260 anos da realização da celebração barroca do *Triunfo Eucarístico* em Vila Rica.⁵

Em 27 de maio de 2006 houve uma nova encenação do *Triunfo Eucarístico*, durante o segundo mandato do prefeito Ângelo Oswaldo. Nesta última edição, o evento foi realizado pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto em parceria com a Paróquia do Pilar e vários setores da comunidade ouropretana. Para sua realização, contou-se com a participação de cerca de quinhentas pessoas, entre artistas plásticos, artesãos, músicos, integrantes de irmandades e moradores.

Segundo *folder* utilizado na divulgação, a representação do *Triunfo* tinha como objetivo homenagear o centenário da posse de Monsenhor João Castilho Barbosa como Pároco do Pilar e os 100 anos da elevação da *Diocese Primas de Minas Gerais* à condição de Arquidiocese de Mariana.⁶

Trechos da peça “O Grande Teatro do Mundo”, do dramaturgo espanhol *Calderón de la Barca*, foram remontados no Largo dos Contos, Largo da Alegria e Largo do Rosário, numa reprodução que semelhante aos registros do livro *Triunfo Eucarístico*.

Logo após a encenação, houve missa solene na Igreja Nossa Senhora do Rosário e em seguida saiu o cortejo comemorativo do *Triunfo Eucarístico* que, assim como em 1733, tinha à frente o Santíssimo Sacramento e fez o mesmo percurso até a Igreja de Nossa Senhora do Pilar.

⁵ Folder de divulgação da encenação do Triunfo Eucarístico. Ouro Preto, 26 de maio de 2006. (Ver Anexo B)

⁶ Folder de divulgação do evento, 2006.

Segundo folder de divulgação, o cortejo foi marcado por manifestações profanas e católicas, com a presença da comunidade, das irmandades e representantes da política local e era composto pelas seguintes alas:

- A cavalhada de Amarantina: rememorando a luta entre Mouros e Cristãos;
- O cavaleiro e a serpente: mostrando o eterno embate entre o bem e mal;
- Os quatro ventos: a dança dos ventos Sul, Norte, Leste e Oeste promovendo encontros e desencontros entre lugares distantes. Nesta ala crianças da rede pública de ensino tocaram instrumentos de sopro;
- Os sete planetas: o misterioso movimento dos astros ao redor do planeta Terra como na época em que se acreditava ser ele o centro do Universo;
- Ouro Preto: o antigo bairro onde se localizava a Matriz, representada pelo movimento da juventude através de suas danças;
- A fama: a representação dos sentidos do olfato, audição, tato e visão despertados pela passagem da Eucaristia. Nesta ala se encontravam as personalidades da cidade como médicos empresários e artistas;
- A igreja Matriz: alegoria do edifício da Matriz como centro da vida cotidiana ouropretana;
- O Glorioso São Miguel: ala onde o Arcanjo de Deus, São Miguel, na batalha contra Lúcifer e os três anjos rebeldes que representam a luxúria, a maldade e a sedução;
- O Glorioso Mártir São Sebastião: a força física, a força da alma e do perdão representadas na figura do Santo martirizado, imortal por sua fidelidade cristã, tanto na vida como na morte;
- O Santíssimo Sacramento: Deus está em toda parte e sua imortalidade sobrevive em cada um de nós;

- Os Anjos de Prata e as Oito Virtudes: das paredes da Matriz, doze anjos de prata guardam a fé do povo ouropretano. As virtudes representam as forças espirituais: fé, caridade, esperança, temperança, fortaleza, prudência e justiça.

Encerrou o cortejo a Sociedade Musical Santa Cecília, com música nas janelas e o *Esplendor Barroco*.⁷

Para o prefeito Ângelo Oswaldo:⁸

“Reviver essa construção [do Triunfo Eucarístico] é um trabalho de educação patrimonial dentro de um quadro urbano e arquitetônico que nos remete ao século XVIII. Reencontramos a história recontada pela nossa própria comunidade. Cerca de 500 pessoas atuaram na encenação, viveram as emoções da grande procissão de 1733 que foi ontem, como agora, uma manifestação de arte e fé.”

Mostrando, portanto, que o objetivo principal das encenações contemporâneas do Triunfo Eucarístico para Santos (2006) é a de:

“Democratização do acesso à história, revelando ao povo de Ouro Preto um conjunto enorme de informações, as quais, dificilmente, todos chegariam se não houvesse ao vivo e em cores, nas ruas da cidade em 1993 e em 2006 (SANTOS, 2006).”

A trajetória política do atual prefeito talvez explique um pouco sua vontade de realizar determinado evento, já que ele é jornalista, bacharel em Direito e ocupou cargos ligados à cultura mineira e ao ideal da identidade nacional.

Ângelo Oswaldo foi presidente da *Associação de Amigos do Museu da Inconfidência*, presidente da *Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais* e membro do *Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)*.

⁷ Música de autoria de João Pedrosa, feita para o evento e distribuída para que as pessoas cantassem no final do cortejo. Material entregue junto com o folder do evento. (Ver Anexo III)

⁸ SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. Prefeito Ângelo Oswaldo. Ouro Preto, 2006. Entrevista concedida a Aryella Mascarenhas da Silva em 7 de agosto de 2006. (Ver Apêndice I)

Ele também ocupou outros cargos, tais como: Secretário Municipal de Turismo e Cultura de Ouro Preto (1977/89), Secretário do IPHAN (1985/87), Chefe de Gabinete do Ministério da Cultura (1986/88), Ministro Interino da Cultura (1986/87), membro do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do município de Belo Horizonte (1989/92), assessor do Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais (1984/85), representante do Ministério da Cultura do Brasil na Bienal de Havana (1986), representante do IPHAN no Congresso de Patrimônio Luso (1987) e membro da Assembléia Geral Constitutiva da Organização das Cidades do Patrimônio Mundial (1993).

Com isso, pode-se dizer que as vivências profissionais deste organizador/prefeito, em cargos que estavam diretamente com a valorização e divulgação da cultura nacional e mineira, podem ter influenciado o planejamento deste evento realizado em 2006.

3.3 - A REPRESENTAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO TRIUNFO EUCARÍSTICO PARA A COMUNIDADE OUROPRETANA E PARA O TURISMO

Como mostrado anteriormente, o *Triunfo Eucarístico* configurou-se como grande espetáculo do século XVIII, sendo um marco importante para a época colonial na América Portuguesa. Mas, ao analisá-la, atentando-se para as forças ideológicas e políticas, este evento significou uma estratégia de enunciação do poder religioso da Igreja Católica e, ao mesmo tempo, foi mecanismo de persuasão a serviço da Coroa Portuguesa em busca de sua afirmação e hegemonia.

Segundo Mello e Souza (1986, p.30) pode-se acreditar na *inversão ideológica* operada através da visão que tal festividade conferiam à sociedade:

“Sendo [...] mecanismo de reforço, inversão e neutralização, a festa servia admiravelmente à perpetuação de um estado de coisas que interessava tanto ao lado metropolitano quanto à sociedade escravista colonial: em um e outro, é o mando que se legitima, igualando as diferenças e, ao mesmo tempo, acentuando-as; é o

poder que se faz autêntico para conferir um espaço às populações pobres [...] e, simultaneamente, mantê-las a uma distância respeitosa a pompa ajuda a delimitar.”

A representação do *Triunfo Eucarístico*, ocorrida em 2006, não teve, portanto, o mesmo significado político e religioso do século XVIII, mas nem por isso pode ser considerada como um evento irrelevante, já que de certa maneira atingiu tanto a comunidade de Ouro Preto, como os turistas que visitavam a cidade.

Para Fonseca (2007, p.1)

“As festas religiosas sempre desempenharam um importante papel em toda a constituição da conjuntura histórica do Brasil. Elas atraíam os fiéis com maior frequência às cidades e, ao mesmo tempo, estabeleciam conexões entre os diferentes ramos da sociedade da época. Além destes fatores, as festas representam um importante elo entre o presente e a memória: ao expressar de forma lúdica e simbólica algo que faz parte do espírito, mas está distante no tempo ou no espaço, a festa vivifica tradições, crenças e acontecimentos importantes, que, de outra forma, cairiam no esquecimento.”

Partindo desta premissa, o espetáculo do *Triunfo Eucarístico*, nos dias atuais, configurou-se como uma atividade educacional que buscou revelar significados e valores. No entanto, há de se considerar que Ouro Preto é uma cidade multifacetada, com classes e grupos diferenciados que interpretam tal manifestação de forma diferenciada, considerando seus princípios, ideologias e vivências.

Levando em conta que ao tentar entender o homem e este seu “espírito”, ou seja, suas práticas sociais de maneira linear, pode-se fazer interpretações anacrônicas, fora do tempo de uma cultura ou de uma realidade passada. Isso porque manifestações culturais “*que se prendem as necessidades estruturais do psiquismo do homem enquanto ser social e que lhe podem ser inerentes poderão ser análogas às contemporâneas, considerando a variabilidade espaço-tempo*” (CAMARGO, 2001, p.43).

Para Lópes (2001), a comunidade local, a partir da lembrança cultural e herança cerimonial que seus antepassados deixaram, vinculam-se à tradição, evocando preceitos morais e uma visão de seu mundo social, sendo esta uma oportunidade de encontro de seus valores e identidade, mediante a reverência aos fatos que marcaram a sociedade colonial.

Identidade esta defendida pelas classes dominantes desde a época do tombamento de Ouro Preto, ou seja, as que valoriza a cidade enquanto símbolo da nação brasileira, enquanto local de realização de grandes feitos históricos.

Em entrevista ao jornal *Estado de Minas*, a moradora Anna Grammont declarou que “participar do Triunfo é a oportunidade de fazer a releitura de uma época e resgatar uma tradição da cidade onde nasci. Esta festa dá uma enorme contribuição para a vida religiosa e artística de Minas” (Estado de Minas, 28 maio 2006).

Para Judith Andrade, também moradora de Ouro Preto:

“A reedição do Triunfo Eucarístico teve um significado especial. Houve uma louvação especial ao Santíssimo naquele dia. A emoção era visível nos rostos e nas preces. A cidade recebeu muitos visitantes curiosos em ver aquela procissão profana que animou a sociedade há mais de dois séculos. As encenações durante o curto trajeto duraram horas e deixaram as pessoas boquiabertas. Nas escolas estudou-se o Triunfo durante o período que antecedeu a procissão e muitas crianças e adolescentes se ofereceram para representar as figuras e o fizeram de forma contrita e respeitosa. Através da animação delas muitos pais tomaram conhecimento e consciência da importância daquele fato histórico.”⁹

Neste momento de teatralização de uma festividade colonial, os *autóctones* conseguem marcar seu pertencimento na cidade, demarcando seu espaço como moradores e fiéis (GIOVANNINI JR, 2001).

⁹ ANDRADE, Judith. Resposta para a pergunta “Qual a importância da encenação do *Triunfo Eucarístico* para a comunidade ouropretana e para o turismo?” [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: Aryella Mascarenhas (aryellatur@hotmail.com). Em dois de maio de 2008.

Para Padre Simões, a reencenação destaca aspectos educativos “*porque mostra às gerações atuais a força histórica de Ouro Preto e ressalta o seu conteúdo espiritual, já que nossa fé se emociona coma inspiração da arte*” (O INCONFIDENTE, 2006).

O forte apelo turístico que é peculiar às festas, especialmente quando elas apresentam particularidades regionais ou mitos religiosos têm se mostrado capaz de gerar grandes divisas, fazendo com que este tipo de evento adquira grande importância por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e devoção da população local) e, também, como espetáculo e produto turístico (AMARAL, 1998).¹⁰

O que pode ser comprovado com a fala de Andrew Booth, que visitou Ouro Preto no dia da encenação em 2006, em entrevista ao *Estado de Minas*:

“Gosto de conhecer a história e a tradição de uma comunidade. Trouxe até papel e lápis para desenhar as figuras mais bonitas. Não me lembro de ter visto uma festa tão bem montada quanto esta em nenhum lugar do Brasil (Estado de Minas, 28 maio 2006).”

Para os turistas, reviver o *Triunfo Eucarístico* nos tempos contemporâneos, pode significar uma aproximação com a cultura dos nativos. Obviamente, este evento também pode significar para os visitantes muito menos que isso, sendo simplesmente um espetáculo para fotografar e transformar-se em *souvenir* de viagem a uma “cidade histórica mineira”.

Pensando-se desta forma, o que se vê em Ouro Preto são turistas que procuram representações pré-concebidas dos locais visitados, ao ponto de se apropriarem dos mesmos e transformá-los. São “*visitantes à procura de símbolos de uma identidade muitas vezes incompreensível, ilegível e até negada pela população local, gerando olhares e sentimentos diversos e antagônicos sobre o mesmo objeto/patrimônio* (FONSECA, 2003)”.

¹⁰ Tudo o que é oferecido aos turistas, incluindo as atrações turísticas, hospedagem, alimentação e outros serviços existentes nas localidades turísticas. (OLIVEIRA, 2001, p.67).

O que se percebe é que, amparada neste título de representante da identidade nacional, Ouro Preto vai sendo vendida para turistas e, que acontecimentos históricos, como o *Triunfo Eucarístico*, perdem o caráter de representação da sociedade de uma época, marcada pelo domínio da Coroa Portuguesa e Igreja Católica, para transformar-se em espetáculo cultural contemporâneo para o turismo.

Este fato que pode ser percebido nas palavras do próprio prefeito quando diz “*falsas procissões tiram a força e o brilho das manifestações autênticas*” (SANTOS, 2006). Nesta fala, o prefeito Ângelo Oswaldo tenta defender a realização deste evento apenas em “momentos especiais”.

Getz (2001, p. 434) defende que eventos tradicionais podem ser instrumentos interpretativos se revelarem significados, revelarem inter-relações entre pessoas e o meio ambiente, proporcionarem contato direto com acontecimentos históricos recriados, entre outros aspectos.

No entanto, ao entender que o *Triunfo Eucarístico* foi uma manifestação única, de grande importância para a sociedade colonial, sua figuração torna-se apenas um apelo exótico para mostrar aos turistas o modo de vida dos nativos. É como se a população atual de Ouro Preto fosse a mesma, e tivesse os mesmos hábitos e pensamentos das pessoas que viveram no século XVIII.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XVIII, existia uma grande preocupação de estabelecimento e manutenção do poder da Igreja e da Coroa Portuguesa na região das Minas que se traduziram, sobremaneira, pelo aparato de suas festas, nas quais a religião, intimamente ligada ao poder temporal, era vivenciada como espetáculo. Neste sentido, é necessário entender por espetáculo, um tipo de manifestação marcada pela inversão de valores, onde a sociedade

mostrada é idealizada e não condiz com a verdadeira formação social da época. Tal como aconteceu com o *Triunfo Eucarístico*.

Um cortejo que procurou imitar aquela festa do século XVIII foi remontado no dia 27 de maio de 2006 em Ouro Preto (MG) com o objetivo de ser, segundo o prefeito e idealizador da festa – Ângelo Oswaldo – um instrumento de educação patrimonial, uma oportunidade para a comunidade ouropretana conhecer e reviver a sua história, uma maneira de encontrar seus valores e identidade mediante a reverência aos fatos passados que marcaram a história daquele local.

Na verdade o que ocorreu em Ouro Preto, em maio de 2006, com a montagem do *Triunfo Eucarístico*, foi o esvaziamento de sentido de tal manifestação já que todo o aparato e toda a importância político-religiosa do cortejo, assistido nos dias de hoje por um público que vivencia outros valores morais e atitudes socioculturais, se reduziu a um simples desfile alegórico-carnavalesco.

E, como consequência disto, a comunidade ouropretana - que estava envolvida no processo de montagem e/ou foi convencida da importância deste evento e esteve presente durante sua realização - tornou-se também, mesmo que de maneira imperceptível, parte desta encenação, monumentos caricaturais vivos, em conjunto com a arquitetura o cenário que remontasse o século XVIII.

O turismo pode, em alguns casos, não levar em conta as funções sociais que determinadas práticas possam ter, por ventura, adquirido: interessam-lhe somente aquelas práticas e funções sociais que possam ser exploradas turisticamente, daí a recuperação de manifestações culturais antigas através da “montagem”.

O olhar turístico contemporâneo tende a conduzir o imaginário coletivo à uma revalorização da natureza e da cultura, mesmo que através de um conjunto de simulacros. O turista, enquanto consumidor, pode estar em busca apenas de uma experiência social ou

cultural fora da sua rotina e a autenticidade pode ter significados diferentes para cada tipo de turista .

Com isso, enquanto um turista pode não considerar um evento como expressão autêntica da sociedade e ficar frustrado, outro pode não fazer questão desta autenticidade, ou ainda não conseguir diferir se aquela manifestação é ou não autêntica.

Sob a mesma perspectiva, a utilização de manifestações culturais de uma época, como produto turístico deve ser observado com cuidado. O processo de espetacularização de eventos culturais com valor histórico, político e religioso, como é o caso do *Triunfo Eucarístico*, avaliado como meio de geração de divisas, pode significar um processo de aculturação, ou seja, a perda do valor deste momento histórico ou mesmo tradições inventadas.

A montagem do *Triunfo* pode ser encarada como uma “autenticidade encenada”, ou seja, uma farsa, um momento que confunde turistas e até mesmo os expectadores locais. E talvez, para os turistas, o grande público que o governo municipal pretende alcançar, o Patrimônio Histórico de Ouro Preto continuará sendo monumentos e objetos de valor artístico e histórico reconhecidos por órgãos como a UNESCO e o IPHAN, e não aqueles valorizados pela sua comunidade.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, A. *Resíduos Seiscentistas em Minas: Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. v.1. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967.

_____. *Pequena iniciação ao Barroco Mineiro*. In: Revista Barroco, v.7. Ouro Preto: UFMG, 9º Festival de Inverno de Ouro Preto, 1975.

_____. *O teatro em Minas Gerais: século XVIII e XIX*. In: Revista Barroco, v.9 Belo Horizonte: Conselho de extensão da UFMG, 1977.

_____. *O lúdico e as projeções do mundo barroco: uma linguagem a das cortes, uma consciência a dos luces*. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1994. (Coleção Debates: Arte).

AMARAL, R. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”*. 1998. 380 f.. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BAHL, M. (Org.). *TURISMO: enfoques teóricos e práticos*. São Paulo: Roca, 2003.

BOSCHI, C. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *O Barroco Mineiro: artes e trabalho*. Coleção tudo é história, nº 123. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRAGA, C. *Entre ritos e festas: a reatualização do barroco na região das Minas Gerais – Brasil*. In: Actas del III Congreso Internacional del Barroco Iberoamericano; 2004, Sevilla; ES. Disponível em < <http://www.upo.es> >. Acesso em 3 de outubro de 2006.

CAMPOS, A.A. *Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

CAMARGO, H.L. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).

_____. Fundamentos multidisciplinares do turismo: história. In: Turismo: Como aprender, como ensinar.v.1. p.33-85. São Paulo, SENAC: 2001.

CAMURCA, M. A. ; GIOVANNINI JR., O. Religião, patrimônio histórico e turismo na Semana Santa em Tiradentes (MG). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n.20, p.225-247, 2003. Disponível em < <http://www.scielo.br>>. Acesso em: 22 Mar 2007.

ESTADO DE MINAS. *Roteiros de Fé em Minas*. Belo Horizonte, 23 maio 2006. Caderno Turismo, p.2.

FONSECA, M. M. *Turismo histórico-cultural em Ouro Preto: sentidos simbólicos e configuração de identidades no século XX*. In: Miguel Bahl. (Org.). Turismo: enfoques teóricos e práticos. São Paulo: Roca, 2003, v. , p. 157-177.

FONSECA, G. Imaginário e festividade em Villa Rica setecentista. *Revista Eletrônica Cadernos de História*: publicação do corpo discente de história da Universidade Federal de Ouro Preto Ano II, n.01, março de 2007. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria> >.Acesso em: 18 de outubro de 2007.

FURTADO, J. *Desfilar: a procissão barroca*. Disponível em: < <http://www.fafich.ufmg.br>> Acesso em: 03 de outubro de 2006.

GETZ, D. O evento turístico e o dilema da autenticidade. In: THEOBALD, W. (org.) *Turismo global*. São Paulo: Editora SENAC,2001.

GONÇALVES, J.R. Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, vol. 1, n. 2, 1988, p. 264-275 . Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgy.br/revista/arq/38.pdf>> Acesso em: 18 de outubro de 2007.

GIOVANNINI JR, 2001. Cidade Presépio em Tempos de Paixão. Turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes. In: JR. BANDUCCI, A.

BARRETTO, M. (orgs). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papyrus, 2001, Cap.7, p.149-174.

HANSEN, J.A. 1997. Notas sobre o Barroco. p.11-20. *Revista do IFAC – Filosofia, Artes e Cultura*, UFOP, n/4, dez 1997. Ouro Preto: Ed.da UFOP, 1997.

_____. A categoria “representação” nas festas coloniais dos séculos XVII e XVIII In: *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, vol.1. JANCÓS, I. KANTOR, I. (orgs) – São Paulo. Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001 – (Coleção Estudante USP – Brasil 500; v.3), p. 735-755.

JANCÓS, I. KANTOR, I. (orgs). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, vol.1. – São Paulo. Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001 – (Coleção Estudante USP – Brasil 500; v.3)

LÓPES, T. Fragmentando os roteiros turísticos sobre Ouro Preto. In: JR. BANDUCCI, A. BARRETTO, M. (orgs). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papyrus, 2001.], p. 65-88.

JR. BANDUCCI, A. BARRETTO, M. (orgs) *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papyrus, 2001.

MACHADO, S.F. *Triunfo Eucharístico exemplar da Chistande lusitana*. Lisboa, Oficina da Musica, 1734. Reproduzido integralmente por Affonso Ávila In : *Resíduos Seiscentistas em Minas: Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*.v.1. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967.

MELLO E SOUZA, L. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. (Biblioteca de História; v.8)

O INCONFIDENTE. *Ouro Preto revive Triunfo Eucarístico*. Ouro Preto, maio 2006.

SANTOS, A.O.A. *Prefeito Ângelo Oswaldo*. Ouro Preto, 2006. Entrevista concedida a Aryella Mascarenhas da Silva em sete de agosto de 2006.

TINHORÃO, J.R. *As festas do Brasil Colonial*. São Paulo: Ed.34, 2000.

TRIUNFO EUCARÍSTICO. *Folder de divulgação da encenação do Triunfo Eucarístico*.

Ouro Preto, 26 de maio de 2006.

VERGUEIRO, L. *Opulência e miséria das Minas Gerais*. Coleção Tudo é História. 2.ed.São

Paulo: Brasiliense, 1983.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM O PREFEITO ÂNGELO OSWALDO

ENTREVISTADORA: Aryella Mascarenhas da Silva.

ENTREVISTADO: Prefeito Municipal de Ouro Preto Ângelo Oswaldo de Araújo Santos

LOCAL DA ENTREVISTA: Gabinete do Prefeito em Ouro Preto(MG)

DIA DA ENTREVISTA: 7 de agosto de 2006.

O senhor poderia me falar sobre a primeira remontagem do Triunfo Eucarístico que aconteceu em seu outro governo?

A primeira remontagem foi feita em 1993 para comemorar os 260 anos da realização do Triunfo Eucarístico. Ela foi realizada contando com a participação do grande diretor teatral Jota D'angelo, Cláudio Malta, entre outros.

Qual o objetivo dessa remontagem de 2006?

Foi pensada a reconstituição por causar encantamento e também pela alegria e emoção que causa a história do Triunfo Eucarístico.

O senhor acredita que o Triunfo deva entrar para o calendário anual de eventos da cidade?

Periodicamente é interessante que se reconstitua a procissão. Ela não deve entrar para o calendário anual da cidade para não perder o encantamento. Ouro Preto já tem várias procissões que são manifestações autênticas de religiosidade e cultura. Não há necessidade banalizar, ou mesmo carnavalizar, um acontecimento histórico de tamanho significado. Penso que ele possa ser revivido em momentos especiais”.

Qual foi a importância desta encenação para a comunidade de Ouro Preto?

Reviver essa construção é um trabalho de educação patrimonial dentro de um quadro urbano e arquitetônico que nos remete ao século XVIII. Reencontramos a história viva

recontada pela nossa própria comunidade. Cerca de 500 pessoas atuaram na encenação, viveram as emoções da grande procissão de 1733 que foi ontem, como agora, uma manifestação de arte e fé. Houve uma democratização do acesso à história. Foi revelado ao povo de Ouro Preto um conjunto enorme de informações, às quais, dificilmente, todos chegariam se não houvesse, ao vivo e em cores, nas ruas da cidade em 1993 e em 2006, a reconstituição de um fato que passou a fazer parte do tempo presente. É bom lembrar que houve uma profissionalização da 'equipe de frente' da nova versão do Triunfo, o que quer dizer que nós cairíamos na linha da Nova Jerusalém Pernambucana se insistíssemos em repetir todo ano a iniciativa. Seria um evento teatral, profissionalizado e, não mais uma obra coletiva que foi feita pela comunidade sob a orientação de especialistas. Não interessa assim, retirarmos das encenações contemporâneas do Triunfo o sentido de um resgate empreendido pela própria sociedade ouropretana. As falsas procissões tiram a força e o brilho das manifestações autênticas.

E para o turismo? Qual a importância desta encenação para o turismo na cidade?

Ouro Preto não é uma Disneylândia colonial. É uma cidade viva que se impõe pela força e pelo vigor de sua cultura. Não se deve banalizar e nem carnavalizar este evento que deve ser tratado com respeito; além disso, deve haver pertinência cronológica e cultural para se marcar uma nova edição. O poeta Oswald de Andrade dizia que a cultura brasileira não pode ser macumba para turista. E eu digo, à maneira dele, que Ouro Preto não faz procissão para turista, sob pena de perder a originalidade e a autenticidade do fenômeno que é esta cidade monumento. Os turistas são muito bem vindos e participam intensamente dos eventos sacros que se realizam em Ouro Preto. Muitos já disseram que chegam, de fato, como turistas, mas saem como peregrinos. O turista quer ver uma procissão de Semana Santa, mas não sustentaria, por muito tempo, uma programação encenada de eventos tradicionais. É por isso que eu entendo que o que se fez foi educação patrimonial, antes de ter sido também uma

atração para numerosos visitantes. Ouro Preto deve sempre diversificar e intensificar as produções artísticas e culturais e não há necessidade de perenizar todos os acontecimentos.

ANEXO A - REPORTAGENS SOBRE A REENCENAÇÃO DO TRIUNFO EUCARÍSTICO

ESTADO DE MINAS. *Roteiros de Fé em Minas*. Belo Horizonte, 23 maio 2006. Caderno de Turismo, p.2.

TURISMO RELIGIOSO

Diamantina e Serro festejam o Divino com programação religiosa e cultural. Ouro Preto revive Triunfo Eucarístico

Roteiros de fé em Minas



DIAMANTINA

Em Diamantina, a festa do Divino começa no sábado, 3 de junho, com a celebração da Festa do Divino Espírito Santo. A programação inclui missas, procissões e a distribuição do tradicional bolo de arroz. O evento é organizado pelo Centro Histórico e Cultural de Diamantina.

SERRO

No Serro, a festa do Divino começa no domingo, 4 de junho, com a celebração da Festa do Divino Espírito Santo. A programação inclui missas, procissões e a distribuição do tradicional bolo de arroz. O evento é organizado pelo Centro Histórico e Cultural de Serro.

OURO PRETO

Ouro Preto revive o Triunfo Eucarístico, uma festa tradicional que celebra a vitória de Cristo sobre o mal. A programação inclui missas, procissões e a distribuição do tradicional bolo de arroz. O evento é organizado pelo Centro Histórico e Cultural de Ouro Preto.

Roteiros de Fé em Minas

À medida que o 4 de junho, Dia de Pentecostes, se aproxima, Diamantina e Serro se preparam para a Festa do Divino, que celebra a data. Em Diamantina, as comemorações serão tradicionais. Elas começam às 6h desta sexta-feira, com repique de sinos, alvorada, missa de abertura e distribuição do tradicional bolo de arroz.

A data marca o início do novenário, que vai até 3 de junho, sábado. Em 2 de junho, a procissão dos milagres sai da Catedral Metropolitana em direção à Capela Imperial do Amparo. No dia 3, depois do

encerramento da novena, é feito o levantamento do mastro. No domingo, 4 de junho, saem pelas ruas da cidade o império e os grupos folclóricos e, depois, é realizada a Celebração Eucarística de encerramento da festa, na Capela Imperial do Amparo, seguida da procissão em honra ao Divino Espírito Santo. Mas se Diamantina segue a tradição, no Serro a palavra de ordem é inovação.

É claro que a programação tradicional continua acontecendo, como a da cidade vizinha. Mas as novidades são muitas. Neste ano, o Movimento Áurea Cidadania e Identidade

Cultural, formado por jovens da cidade, assumiu a organização do evento e promete muitas mudanças. A primeira é quanto à escolha do imperador e da imperatriz. O imperador não precisou ser sorteado, já que, no ano passado, o grupo se ofereceu para organizar a festa deste ano. O escolhido para ocupar o cargo foi Rubens Alexon Bruno, de 25 anos. Tradicionalmente, a imperatriz é a filha mais velha do imperador. Isto também mudou. Como o tema da Campanha da Fraternidade deste ano é a inclusão dos deficientes, Ana Flávia Ferreira Andrade, portadora de síndrome de Down e integrante da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) da cidade, foi chamada para ocupar o posto. O desfile, chamado Império, é dividido em duas partes: a religiosa, com oito alas, e a cultural, onde vão os membros da corte. Neste ano, a parte religiosa ficará por conta das escolas estaduais e municipais da cidade, sendo que cada escola ficará responsável por uma ala. Além disso, a festa terá pela primeira vez uma programação cultural paralela. Além da tradicional novena e das missas, haverá shows, concertos e apresentações folclóricas. O objetivo de tudo isso, segundo Rubens, é chamar a atenção dos jovens e dos turistas. “Temos que atrair o jovem para não deixar isso morrer. Senão, vamos virar uma cidade histórica sem a nossa história”, explica.

TRIUNFO EUCARÍSTICO Em Ouro Preto, outra comemoração religiosa será realizada neste sábado. A comunidade reviverá o Triunfo Eucarístico, a maior festa realizada no Brasil colônia, que aconteceu em 1733 e já foi reconstituído em 1993. O cortejo sai às 16h30 da igreja do Rosário para o Pilar, assim como aconteceu em maio de 1733, durante o festival barroco da inauguração da matriz de Ouro Preto. A reconstituição será baseada no livro *Triunfo Eucarístico*, de Simão Ferreira Machado, publicado em Lisboa em 1734, narrando o evento. Trechos da peça *Calderon de la barca*, de Gil Vicente, serão apresentados no adro da igreja do Rosário abrindo o cortejo, conforme teria acontecido no século 18. A cavallhada de Amarantina abre o cortejo do Triunfo, representando a luta entre cristãos e

mouros. Em seguida será representada a luta entre São Jorge e a serpente. A história de São Miguel Arcanjo também será encenada. Crianças da rede pública de ensino tocam instrumentos de sopro, para a coreografia da ala “Os quatro ventos”. A ala Ouro Preto representa o ouro e a ostentação, vivida no século 18, e a ala da Igreja Matriz traz um carro alegórico. Também serão remontadas as alas “Fama”, “Os sete planetas”, “Irmandade São Sebastião” e “Irmandade do Santíssimo Sacramento”. O cortejo terá três paradas, e em cada uma delas serão feitas encenações.

ESTADO DE MINAS. *Celebração revive tempos coloniais*. Belo Horizonte, 27 maio 2006. Gerais, p.23.

FESTA

Celebração revive tempos coloniais

Uma viagem de fé e beleza ao passado de Minas Gerais. Ouro Preto, a 95 quilômetros de Belo Horizonte, revive, hoje, a partir das 13h, a maior festa promovida nos tempos coloniais do Brasil. Como se estivessem em 1733, moradores e turistas vão ver, durante a celebração do Triunfo Eucarístico, como foi o festival barroco de inauguração da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, a mais rica do estado. Mais

de 500 pessoas participam da cerimônia, entre artistas plásticos, artesãos, músicos, atores, integrantes das ordens terceiras e irmandades da cidade, numa comemoração do centenário de criação da paróquia do Pilar, informa a diretora da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Sandra Fosque.

A festa promovida pela prefeitura começa com a encenação de trechos da peça *O grande teatro*

do mundo, de Pedro Calderon de La Barca (1600-1681), em frente ao cinema, no Centro Histórico. Em seguida, sai um cortejo em direção à Igreja do Rosário, onde haverá missa solene. Às 16h30, começa a procissão que terminará na Igreja do Pilar. A apresentação da peça faz todo sentido. Em 1733, informa o diretor da montagem, Flaviano Souza e Silva, foram encenados trechos do espetáculo, conforme está no livro

Triunfo Eucarístico, publicado em Lisboa, em 1734, por Simão Ferreira Machado.

Um dos objetivos da comemoração, segundo os organizadores, é o fortalecimento da educação patrimonial e das manifestações populares de Ouro Preto. Para abrir o cortejo do Triunfo, estará presente a Cavallhada, do distrito de Amarantina, numa representação da luta entre cristãos e mouros.



Matriz de Nossa Senhora do Pilar é um dos expoentes do barroco mineiro

Celebração revive tempos coloniais

Uma viagem de fé e beleza ao passado de Minas Gerais. Ouro Preto, a 95 quilômetros de Belo Horizonte, revive, hoje, a partir das 13h, a maior festa promovida nos tempos coloniais do Brasil. Como se estivessem em 1733, moradores e turistas vão ver, durante a celebração do Triunfo Eucarístico, como foi o festival barroco de inauguração da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, a mais rica do Estado. Mais de 500 pessoas participam da cerimônia, entre artistas plásticos, artesãos, músicos, atores, integrantes das ordens terceiras e irmandades da cidade, numa comemoração do centenário de criação da paróquia do Pilar, informa a diretora da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Sandra Fosque. A festa promovida pela prefeitura começa com a encenação de trechos da peça *O grande teatro do*

mundo, de Pedro Calderon de La Barca (1600-1681), em frente ao cinema, no Centro Histórico. Em seguida, sai um cortejo em direção à Igreja do Rosário, onde haverá missa solene. Às 16h30, começa a procissão que terminará na Igreja do Pilar. A apresentação da peça faz todo sentido. Em 1733, informa o diretor da montagem, Flaviano Souza e Silva, foram encenados trechos do espetáculo, conforme está no livro Triunfo Eucarístico, publicado em Lisboa, em 1734, por Simão Ferreira Machado. Um dos objetivos da comemoração, segundo os organizadores, é o fortalecimento da educação patrimonial e das manifestações populares de Ouro Preto. Para abrir o cortejo do Triunfo, estará presente a Cavallhada, do distrito de Amarantina, numa representação da luta entre cristãos e mouros.

TUPINAMBÁS, Glória. *Uma festa histórica*. Estado de Minas, Belo Horizonte, 28 de maio de 2006. Gerais, p.27.



Ouro Preto – Foi como em 1733. Moradores e turistas de Ouro Preto, a 95 quilômetros de Belo Horizonte, assistiram ontem a um capítulo da história de Minas Gerais e participaram da maior festa realizada nos tempos coloniais do Brasil. Durante a celebração do Triunfo Eucarístico, 500 artistas plásticos, atores, artesãos, músicos e integrantes de irmandades do local reconstituíram, com riqueza de detalhes, como foi o festival barroco de inauguração da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, a mais rica do estado. Trechos da

peça encenada em 1733, *O grande teatro do mundo*, de Pedro Calderon de La Barca (1600-1681), foram remontados em frente ao cinema, no Centro Histórico, numa reprodução fiel aos registros do livro *Triunfo Eucarístico*, publicado em 1734, em Lisboa, por Simão Ferreira Machado, que narra essa parte do passado de Minas. Ainda seguindo o roteiro descrito na literatura portuguesa, saiu um cortejo em direção à Igreja do Rosário, e a cavalhada, do distrito de Amarantina, representou a luta entre cristãos e mouros. “Participar do Triunfo é a oportunidade de fazer a releitura de uma época e resgatar uma tradição da cidade onde nasci. Esta festa dá uma enorme contribuição para a vida religiosa e artística de Minas”, afirmou a escritora Anna Maria de Grammont, de 31 anos, convidada para montar uns dos cavalos que guiavam o cortejo. Na seqüência, foi reconstituída a luta entre São Jorge e a Serpente. Crianças da rede pública de ensino tocaram instrumentos de sopro para a coreografia da ala Os Quatro Ventos. Outra cena representada foi a história de São Miguel Arcanjo, responsável por separar as almas boas das que devem seguir para o inferno e travar uma luta com três demônios. Da Igreja do Rosário, onde foi celebrada uma missa solene, uma procissão seguiu pela Ponte Seca, Rua Antônio de Albuquerque, Praça Américo Lopes, Rua Diogo de Vasconcelos, Praia do Circo, Praça Juvenal Santos, Ruas Clodomiro de Oliveira e João Batista Fortes e Praça Monsenhor Castilho Barbosa (Largo da Matriz do Pilar). Assim como em 1733, o Santíssimo Sacramento estava à frente da procissão que levou mais de 5 mil pessoas, entre turistas e moradores, pelas ruas históricas de Ouro Preto. “No século 18, a Igreja do Pilar passou por uma grande reforma e, nesse período de obras, o Santíssimo ficou sob a guarda da Igreja do Rosário. O Triunfo Eucarístico foi a festa organizada para levar a imagem de volta do Rosário para o Pilar. Por isso a procissão percorre este trajeto”, explicou a diretora de promoção cultural da Prefeitura de Ouro Preto, Sandra Fosque. O evento de ontem foi a segunda remontagem do Triunfo Eucarístico na cidade – a primeira foi em 1993. E a comunidade se preocupou com cada detalhe para que a festa fosse um sucesso. Nas

janelas e varandas não faltaram tecidos, cortinas e tapetes para dar um colorido especial à cidade. Aluna da segunda série do ensino fundamental de uma escola pública da cidade, Mayara Carla de Pádua, de 8 anos, vestiu, orgulhosa, a fantasia de anjo. “Fui convidada para soltar bolinhas durante a procissão. Minha professora explicou na sala que a festa é importante para a história da cidade e quero muito participar de tudo”, comentou. Depois de confessar sua paixão pela história de Minas, o tradutor Andrew Booth, de 50 anos, se rendeu à beleza da festa em Ouro Preto. “Gosto de conhecer a história e a tradição de uma comunidade. Trouxe até papel e lápis para desenhar as figuras mais bonitas. Não me lembro de ter visto uma festa tão bem montada quanto esta em nenhum lugar do Brasil”, contou o inglês que, depois de morar no Canadá, decidiu viver em Mariana, na região Central do Estado. Parte do figurino usado no Triunfo foi cedido pela Fundação Clóvis Salgado.

“Ouro Preto ontem viveu uma volta ao século 18, durante a celebração do Triunfo Eucarístico, que reuniu cerca de 500 artistas plásticos, atores, artesãos e músicos. Esta festa dá uma enorme contribuição para a vida religiosa e artística de Minas”.

Anna Maria de Grammont, 31 anos, escritora.

ANEXO B - FOLDER CONFECCIONADO PELA PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO PARA A DIVULGAÇÃO DO EVENTO.

TRIUNFO EUCARÍSTICO



OURO PRETO

27 DE MAIO DE 2006

HISTÓRICO



O "Triunfo Eucarístico" foi um conjunto de festividades que, em maio de 1733, assistiram à inauguração da Matriz do Pilar de Ouro Preto, após grandes obras de ampliação do templo.

A translação do Sacramento Eucarístico da Igreja de Nossa Senhora do Rosário para a nova Matriz do Pilar foi o ponto alto do magnífico festival de nove dias.

O espetáculo de intenso colorido rítmico e visual foi o maior evento desta natureza realizado no século XVIII, no Brasil.

As ruas foram ornamentadas de arcos, marcos e guilhermes e as sacadas das casas enfeitadas com colchas e cortinas nas janelas. À noite, luminárias acesas, espelhos piribóxicos e saracatis por todo o Vila Rica atraíram milhares de mineiros e índios de diferentes partes do Capangue. O teatro teve papel de relevo nas festividades. Arrevese junto à nova igreja um tabuleiro especial e ali se levaram à cena, durante três noites, comédias de autores reconhecidos, aumentando o brilho da programação.

Ao longo de um cortejo, para o qual se abriu uma nova rua ligando os dois templos do Rosário e do Pilar, os integrantes de inúmeras irmandades desfilaram em ricos trajes, com estandartes e santos padroeiros, uma complexa trama coreográfica em que se misturavam grupos de dançarinos, conjuntos musicais, carros de triunfo, personagens à cavalo, alegorias mitológicas e cantares com poemas alusivos ao acontecimento.

O Triunfo Eucarístico foi registrado por Simão Ferreira Machado, que descreveu, em impressionante relato, tudo que aconteceu na grande festa barroca. O livro foi publicado em Lisboa em 1734 e resgatado pelo poeta e ensaísta mineiro Afonso Avila, em Resíduos Salsconóides em Minas Gerais, UFMG, 1967.



PROGRAMAÇÃO



A partir das 13:00h - Apresentação do espetáculo "O Grande Teatro do Mundo" do dramaturgo espanhol Pedro Calderón de la Barca (1601/1681): o mundo visto como um grande jogo de representações revelando aos homens a vontade divina, no Largo dos Contos, Largo da Alegria e Largo do Rosário.

15:00h - Missa Solene na Igreja de Nossa Senhora do Rosário
18:30h - Cortejo Conmemorativo do Triunfo Eucarístico

Percurso

Largo do Rosário, Ponte Seca, Rua Antônio de Albuquerque, Praça Afonso Lopes, Rua Diogo de Vasconcelos, Praça do Círculo, Praça Aneta Santa, Rua Cleodora de Oliveira, Rua João Batista Fortes e Praça Monsenhor Castilho Barboza

Seqüência

Abertura do cortejo - Sociedade Musical Bom Jesus das Flores
A Capelinha de Amaranthina rememora a luta entre Mouros e Cristãos
O Cavalheiro e a Serpente - o eterno embate entre as forças do Bem contra as forças do Mal
Os Quatro Ventos - a disputa dos ventos Sul, Norte, Leste e Oeste provoca encontros e desencontros entre jovens dançarinos
Os sete Planetas - o misterioso movimento das setetas ao redor do nosso planeta como na época que se acreditava ser a Terra o centro do Universo
Ouro Preto - o amigo latino nos faz lembrar a História, repleta e enfiada o - o movimento da juventude através de suas danças.



A fama - Eucharistia in Translatio

Victoria - a representação dos vencidos não evitou desfeitos pela presença da vitória.

A Igreja Mãe - igreja do colégio da Matriz como centro da vida cotidiana europeia. De seu jardim botânico as flores do le e do amor próximo.

O Glorioso São Miguel - o Arcanjo de Deus na batalha contra Lucifer e os anjos rebeldes e perseguido por três demônios que representam a enorme amplitude da natureza.

O Glorioso Matriz São Sebastião - a força física, a força da alma e do perdão representados na figura do Santo martirizado, mortal por sua fidelidade cristã, tanto na vida como na morte.

O Santíssimo Sacramento - Deus está em toda parte e sua imortalidade sobrevive em cada um de nós. O material do corpo de Cristo é aqui caracterizado para nos fazer conscientes de sua todos os dias.

De Anjo de Prata e as Oito Virtudes - das paredes da Matriz, dois anjos de prata guardam a lição do povo ouro-pretano. As virtudes representadas em três estátuas: Fé, Caridade, Esperança.

Temperança, Fortaleza, Prudência, Justiça.

O Cortejo Religioso

Final do cortejo - Sociedade Musical Santa Cecilia

To Dams e Coroação de Nossa Senhora do Pilar

Encerramento - Música nas Janelas e Esplendor Barroco



RELEITURAS DO TRIUNFO



Em maio de 1993, durante o primeiro governo do prefeito Angelo Oswald, a Prefeitura de Ouro Preto e a Paróquia do Pilar promoveram uma releitura do evento, inspirada no texto de Simão Ferreira Machado, em comemoração aos 260 anos do "Triunfo Eucarístico". Na ocasião, toda comunidade mobilizou-se para o grande acontecimento, que foi concebido pelo diretor de teatro Jota Diângelo e pelo então secretário Municipal de Cultura Mauro Werneck.

Neste ano, a Prefeitura de Ouro Preto, em parceria com a Paróquia do Pilar e vários setores de comunidade auto-pretana, promove nova edição do evento, que conta com a participação das irmandades, órgãos terrenos, músicos, artistas e moradores.

O Triunfo de 2006 rende homenagem ao aniversário da posse do Monsenhor João Caspary Barboza como Pároco do Pilar e aos 100 anos da elevação da Diocese Primada de Minas Gerais à condição de Arquidiocese de Mariana.




REALIZAÇÃO

PREFEITURA DE OURO PRETO
Prefeito: Angelo Oswald de Souza
Vice-prefeito: Renato Carlos Pimenta
Secretário de Cultura e Turismo: Pedro Laranjeira
Assessoria Especial: Daniela Ribeiro
Diretor de Cultura: Sérgio Pimenta
Diretor de Turismo: Cleonilde Moraes
Assessoria de Promoção Cultural: Guilherme Santos
Assessoria de Comunicação: André Luiz Cordeiro
Assessoria de Planejamento: Daniel Duranville, Marcelino Casati, Victor Siqueira e Wilson Klotzmann

Direção Geral: Jota Diângelo
Assistente: Carlos Costa Guimarães
Direção Artística: Fábio Cavallini, Carlos Godoy, Flávio Dias, Carlos Adorno, Fernando Soares Silva, Sérgio Magalhães, Juliana Mendes, Marcelo Lima, Roberto Pires e Ricardo Campesin
Direção Musical: Vitor Gomes
Vocalistas: Moisés Torres e Maria Tereza
Corporação Musical: Sociedade Musical Bom Jesus das Flores e Sociedade Musical Santa Cecilia
Bateria: Escola de Samba Santa Olímpi
Fogueira: Acervo Funerária Clivia, Salgueiro e Juvenil Alves
Dançarinos: Mariana Alves, Mariana Furtado e Valéria Prado
Produção: Ana Júlia e Sônia Soriano
Cassino: Cláudia José Aguiar de Oliveira, Cláudia Malta, Diaciano Aguiar de Barros de Oliveira, Sônia Faria, Raul Batista Machado, Rita Dória e Salgueiro Pires

PARÓQUIA DO PILAR

Pároco: Diângelo José Feliciano da Costa Siqueira
Vigário Paróquial: Cláudio José Trindade Lemos, Paulo Luiz Ribeiro Reis Costa

AGRADECIMENTOS:

Dani Luciano Mendes de Almeida, Dom Francisco Barboza Filho, Participação Unigrife, Cristóvão, Santo Espírito, Nossa Senhora da Conceição, Paróquia do Pilar e Diocese de Ouro Preto, Ordem Terceira, Irmandades, Associações Religiosas, Presidente do Câmara Municipal, Monsenhor Raul, Igreja e Igreja missionária, Escola Estadual Dom Nelson, Escola Estadual Dom Pedro, Colégio Amadeu de Azevedo, Colégio São Paulo, Universidade Independente de Filosofia, Colégio São Pio X, Colégio Celso Rai, Colégio Francisco Xavier de Rocha, Ministério Cívico Republicano de Filosofia, Conselho de Filosofia, União Diocesana de Anjos de Ouro Preto, Associação de Cavaleiros Maria Nica, Clube do Conselho de Diócesis do Campo, Grupo Homage do Anjo, Zoológico, Museu Diocesano, Museu Histórico, Filipe, Gerardo Fernandes Pimenta, Nereu Mazoni, Eduardo Toledo, Jairo Pedrosa, Patrício Miller e Giv, SMM, Quadras e Xôcos em oração e Espiritismo do cortejo.

Realização: Apoio:



ANEXO C - MÚSICA COMPOSTA PARA A ENCENAÇÃO DE 2006

Esplendor Barroco

Autor: João Pedrosa

Puxador: Paquinha

Eu chamei o meu povo pra cantar (pra cantar, pra cantar)
Para ser o artista, meu rei, pra dançar
Repicou no tambor: procissão em lavor e carmesim
Enfeitou a cidade ao toque do clarim
(bandeira...)

Bandeira radiante se revela
Do Rosário vai tão bela
Em traslado de louvor
Igreja reluzente manifesta
O Pilar está em festa
Glória, o Edifício é o esplendor!

REFRÃO:

Vila Rica dançou
A Coroa luziu
No banquete de Minas
Que Lisboa descobriu
(Ah, saudade...)

Coragem, nobreza e vontade
É luxo, Galveas, para exibir
Encanta a ladeira, invade
Profana alegria, vai se divertir
(A mensagem...)

Mensagem cristã da Irmandade
Turcou na riqueza, a se redimir
Afama ao vento em contraste
Viva o Ouro Preto e a Matriz!

Soltem fogos de alegria É Ó
Triunfou na Eucaristia É Ó
Quem vai na romaria? Eu vou...
Na cavalaria, celeste magia
"Simões" encantou!

(Guarde este folheto pra cantar com a gente)

Foto: Neno Viana / Arte: Daniel Drummond

Realização: Apoio:



